



A METÁFORA NA OBRA “A DIVINA COMEDIA” DE DANTE: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA DO CANTO IX

Camila C. da Luz Silva¹
Danilo Silva Santos²
Gabriel Martins³
Donizeti Pesse⁴

Resumo: Quando se trata de obras literárias para uma certa dificuldade na sua leitura, e ler é interpretar, surgem nesse campo as mais variadas considerações, que muitas vezes geram distorções e ambiguidade no ato ler-interpretar o texto. Por esse motivo a pesquisa pretende lançar luz sobre as questões de possível interpretação do texto literário, nesse sentido o texto “A Divina Comédia”, conforme os desdobramentos dos elementos linguísticos que perpassam a obra e a sua adequada interpretação. Para tanto revisam-se os estudos já concretizados por Ricoeur (2013), Eco (1993), e Alighieri (1981). São expostos os elementos simbólicos do canto IX da obra e submetidos as teorias dos filósofos, para resultar numa identificação do canto como uma grande metáfora que precisa ser corretamente interpretada.

Palavras-chave: Figura de Linguagem. Poema. Teoria Literária. Hermenêutica.

Introdução

O poema de Dante Alighieri intitulado “A Divina Comédia” (1981) é uma importante e polêmica obra produzida entre os séculos XIII e XIV, por ser obra de reflexão do período histórico do poeta. Dante faz críticas ao governo e denuncia o abuso do poder temporal e espiritual, ou seja, poder político e religioso. A obra está dividida em três partes: inferno, purgatório e céu, ambientada no contexto da cidade de Florença, cidade natal de Dante.

Num período em que os poderes se colocavam como incontestáveis, sobretudo o poder da Igreja, o poeta fiorentino utiliza-se dos versos para justamente questionar os detentores do poder. Aqui focar-se-á nesse aspecto da obra analisando a primeira parte do poema, o inferno, especificamente o canto IX, buscado entender como Dante (1981) utiliza a figura de linguagem para tecer suas argumentações críticas.

Buscou-se embasar análise do canto na teoria da metáfora proposta por Paul Ricoeur (2013) e as considerações de interpretação e superinterpretação de Umberto Eco (1993), entendendo que estas teorias contribuem significativamente para a compreensão do poema dantesco e seu significado. Uma vez que Dante (1981) recorreu a metáfora para escrever sua obra, é importante entender como esta figura de linguagem se desdobra e sua possível interpretação, tomando o cuidado de não atribuir excessiva significação, dando a ela um sentido que ela mesma não sustenta como possibilidade interpretativa.

¹ Acadêmica do 2º. Período do Curso Pedagogia, IESSA, camilacanhadaluz@gmail.com

² Acadêmico do 4º. Período do Curso de Licenciatura em Filosofia, IESSA, daniomnsantos@hotmail.com

³ Acadêmico do 4º. Período do Curso de Licenciatura em Filosofia, IESSA, gabrielmartins0130@gmail.com

⁴ Professor Orientador, Departamento de Filosofia da Faculdade Sant’Ana, prof.donizeti@iessa.edu.br

Nesse sentido é pertinente traçar um panorama do canto objeto de análise já ressaltando seus símbolos e seus possíveis significados, depois fazer recair sobre o canto as teorias dos filósofos.

A literatura dantesca vai-se tecendo no entrelaçamento de fatos, sejam históricos, religiosos ou mesmo mitológicos. O verso 33 do canto IX remete a isso quando narra o fosso de Judas o traidor, onde estava a alma que Virgílio fora consultar para obter informações sobre a batalha de Farsália, guerra esta que ocorreu nos anos 49-48 a. C.⁵.

Dante (1981) está criando uma esfera mitológica com elementos reais. Desta forma é interessante recuperar o significado de Mito, na medida que este significado dialoga com a análise. De acordo com Japiassú e Marcondes (2006, p. 189) Mito é uma “narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobrenatural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo”. Conforme esta definição o Mito não é simplesmente uma mentira, como comumente é considerado, mas uma ferramenta pela qual se utiliza para explicar a realidade. De modo que o poeta fiorentino não emprega elementos históricos, religiosos e mitológicos por acaso.

Estes elementos que permeiam o canto IX outorgam a Dante (1981) uma autoridade divina, quase que profética e demonstra que a jornada empreendida por ele, enquanto personagem principal da Divina Comédia, e seu guia Virgílio, poeta romano clássico do século I a. C., não pode ser impedida. E talvez a sua jornada seja dizer, de forma metafórica, as realidades de Florença. É o que ocorre quando os dois chegam às portas da cidade infernal e são impedidos, pelos demônios, de entrarem e ao se perceber nessa situação o personagem Dante desespera-se, mas é acalmado pelo seu guia.

“O amado guia!”, supliquei, “que mais de sete vezes confortaste meu ânimo, não me abandones neste perigo iminente e desgraça imensa. E se prosseguir nos é vedado, juntos tornemos e pronto partamos”. Ele porém, que tão distante me havia conduzido do ponto inicial, assosseguou-me: “Não temas, não nos poderá ser vedada por eles a passagem que por Deus nos foi designada. Espera por mim, alça o espírito abatido, alimenta-o com a esperança de que não serás abandonado neste baixo mundo”. [...] Eis que, do alto, já desce a este reino da iniquidade um Ser que de guia não tendo precisão, por suas virtudes nos abrirá as portas da cidade (ALIGHIERI, 1981, p. 51).

Estes acontecimentos estão narrados no canto VIII como introdução ao clímax que é atingido no canto IX. Essa passagem elucida que a jornada do peregrino Dante está sob proteção divina e, portanto, não pode ser interrompida, ou mesmo frustrada. E essa jornada é descrever os paradigmas políticos-religiosos daquele momento, o poeta está sob inspiração divina, é um enviado da divindade para denunciar as barbáries, a hipocrisia, o abuso do poder, as traições, as heresias. E, como enviado, está protegido.

Dante (1981) faz diversas conexões com fatos históricos reais a todo tempo no seu poema. Essas conexões apontam para a proposta do caráter de veracidade naquilo que a obra está enunciando, se são verdadeiros os fatos históricos que ele

⁵O assunto da obra de Caio Júlio César, “*Bellum Civile*”, é esta guerra de Farsália: “[...] trata de acontecimentos políticos e militares que envolveram a República Romana durante os anos 49 e 48 a. C., que tiveram início com rebelião armada de César, inconformado com as decisões do Senado que lhe cassara o mandato militar (*imperium*) da Gália, impedindo-o de se candidatar a um segundo consulado, ausente de Roma” (MENDONÇA, 1999, p. 26).

coloca no poema, da mesma forma são verdadeiras as denúncias feitas do seu tempo e que estão narradas nos versos de sua obra.

A advertência do verso 61 canto IX alerta sobre uma certa cegueira em relação aos fatos narrados por Dante (1981, p. 52), “ó vós, que tendes aberta a inteligência, buscai perceber o sentido exato que nestes versos, por vezes, está oculto!”, o verso é emblemático, mas anuncia que a proposta do autor é maior do que a que simplesmente aparece na “singela” composição da escrita, há um sentido implícito no texto, é esse sentido carregado de nuances que a pesquisa busca explorar, não de forma arbitrária, mas devidamente fundamentada.

Objetivos

Analisar como a metáfora se faz instrumento de comunicação de ideias a partir da obra A Divina Comédia de Dante (1981);

Entender o processo metafórico como chave de leitura do texto literário de Dante.

Metodologia

A metodologia a ser utilizada, baseia-se em pesquisa de cunho teórico e reflexiva, para tanto revisou-se os autores: Alighieri (1981); Ricoeur (2013); Eco (1993).

Resultados/Resultados parciais e discussão

Na teoria da metáfora de Paul Ricoeur (2013, p. 70) ocorre o deslocamento da compreensão da metáfora: “desloca o problema da metáfora da semântica da palavra para semântica da frase”. Aqui se vai mais além, e toma-se a obra de Dante como grande metáfora, que de modo figurativo narra e ao mesmo tempo crítica seu tempo, é elevado o sentido da metáfora, já não mais tratada como a semântica das palavras, do modo como acreditavam os antigos retóricos, e também não mais como a semântica da frase, mas semântica do texto, o texto todo. Nesse caso, o canto IX, se revela como texto metafórico.

Percebe-se na obra de Dante o alargamento do sentido do inferno, que se coloca como responsável por anunciar os males que acontecem a quem está naquele ambiente, o inferno deixa de ser evento escatológico e passa a ser um ambiente de punição e de acusador daqueles que praticam toda sorte de iniquidade. Alguns indivíduos são identificados ao longo da passagem no inferno, a fim de alertar os que ainda vivem, ou seja, o leitor de modo que devesse cuidar com ações praticadas no mundo dos vivos ou na esfera real.

E Dante (1981) utiliza essa argumentação no canto com o intuito de persuadir o leitor de que os fatos que estão sendo narrados são verdadeiros, esse propósito é típico da figura retórica como escreve Ricoeur (2013, p.71).

Ora, nos casos em que já existe disponível uma palavra adequada, podemos decidir usar uma palavra figurativa de modo a agradar ou talvez a seduzir o nosso auditório. Esta segunda estratégia das figuras retóricas reflete um dos aspectos centrais da função geral da retórica, a saber, a persuasão. Isto é, a retórica constitui um meio de influenciar um auditório pelo uso de meios do discurso que não são os da prova ou da violência.

Esse discurso está presente no poema, não de modo explícito, porque “Uma metáfora não existe em si mesma, mas numa e por uma interpretação” (RICOEUR,

2013, p. 74), deste modo é preciso encarar o poema de Dante como uma obra que precisa ser interpretada, atribuindo a ela significados que ela mesma possa sustentar, numa espécie de fidelidade estreita na relação de leitor com a obra, sem especulações infundadas sem o apoio devido, nesse sentido a consideração de Eco (1993) é de extrema importância na relação leitor-texto.

Considerações finais

Todos os entrelaçamentos entre obra e período em que foi escrita, as análises e reflexões sobre os versos com o mundo político e social que circundava Dante, são possíveis de serem feitas devido à relação intrínseca do texto com o sujeito leitor. Pela exposição do pensamento de Umberto Eco acerca das interpretações e caracterização do texto literário, como obra artística, feitas pelo autor Humberto Ivan Keske (2007) podemos entender como se dão tais relações.

Um texto literário está dentro do conceito de obra aberta, conceito esse que explica o movimento que a obra proporciona para que haja múltiplos olhares da mesma, de acordo com o que diz Eco sob o olhar de Keske (2007), esse movimento é feito pelo próprio leitor que participa da construção do texto por meio da significação e relação da obra com o meio.

A obra de Dante foi escrita durante um período político e social conturbado. O enredo e os elementos textuais corroboram para uma associação entre o texto e a realidade, estabelecendo assim uma crítica. O texto dá subsídio para essa reflexão, como Eco propõe, o texto dá os limites da interpretação, para que ela não recaia num ciclo infinito de múltiplas interpretações que podem extrapolar o próprio sentido do texto.

Os elementos simbólicos, toda metáfora, os personagens colocados propositalmente em momentos específicos da obra, tudo isso remete a uma organização textual que nos conduz a uma interpretação. Tal interpretação fica a cabo do leitor. Como um quebra-cabeça a ser constantemente montado, o texto se constrói no movimento da sua leitura.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. Inferno. In: _____. **A Divina Comédia**. São Paulo: Abril Cultural, 1981, p. 21-122.

ECO, Umberto. Superinterpretando Textos. In: _____. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 53-78.

KESKE, Humberto Ivan. Experiências interpretativas: das transformações da noção de leitor em Umberto Eco. **Líbero**. São Paulo, n. 20, p. 113-112, dez. 2007.

RICOEUR, Paul. Metáfora e Símbolo. In: _____. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 67-99.